

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO
4 e 21 de dezembro de 2024

BOYHOOD / 2014
(*Boyhood: Momentos de Uma Vida*)

Um filme de Richard Linklater

Realização e Argumento: Richard Linklater / *Produção:* Richard Linklater, Cathleen Sutherland / *Produtores:* Jonathan Sebring, John Sloss / *Coprodutores:* Sandra Adair, Vince Palmo JR., Kirsten McMurray / *Direção de Fotografia:* Lee Daniel, Shane Kelly / *Montagem:* Sandra Adair / *Design de Produção:* Rodney Becker / *Guarda-roupa:* Kari Perkins / *Supervisão Musical:* Randall Poster, Meghan Currier / *Casting:* Beth Sepko / *Gestão de Produção:* Cathleen Sutherland / *Assistência de Realização:* Vince Palmo Jr. / *Co-assistência de Realização:* Susana Jasso, Kathleen Tull / *Produção Associada:* Caroline Kaplan, Anne Walker / *Interpretações:* Ellar Coltrane (Mason), Patricia Arquette (Mãe), Elijah Smith (Tommy), Lorelei Linklater (Samantha), Steven Prince (Ted), Bonnie Cross (Professora), Sidney Orta (Aluna da Primária), Libby Villari (Avó), Ethan Hawke (Pai), Marco Perella (Professor Bill Welbrock), Jamie Howard (Mindy), Andrew Villarreal (Randy), Shane Graham (Vizinho Amigo #1), Tess Allen (Vizinho Amigo #2), Ryan Power (Paul), etc. / *Cópia:* DCP, cor, falado em inglês e com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 165 minutos / *Estreia Mundial:* 19 de janeiro de 2014, Festival de Sundance / *Estreia Nacional:* 27 de novembro de 2014 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

“Here, in my place and time. And here in my own skin. I can finally begin.” Não é assim que começa, mas é assim que termina, na realidade “sem terminar”, o filme mais ambicioso e *heraclítico* da carreira de Richard Linklater, rodado durante 12 anos, tempo em que o jovem Mason, quer dizer, o jovem-não-ator-que-se-torna-ator-profissional-por-força-das-circunstâncias Ellar Coltrane cresce e, durante esse processo de amadurecimento, aprende lições universais sobre a vida e o modo como nos relacionamos em sociedade. É, portanto, um filme, interpretando finalmente a letra da música dos Arcade Fire (“Deep Blue”, do álbum *The Suburbs*), sobre um certo “lugar no tempo”, pois nem sempre sabemos como entabular um diálogo com ele e, como conclui a jovem rapariga na derradeira (e mais bela) cena do filme, tantas vezes é este último, “a rapina de todas as coisas”, que nos apanha desprevenidos, “fora do nosso lugar”, invariavelmente ferindo-nos *to the core*.

Um filme com um ator-a-tornar-se-ator e, por isso, um filme que também aprende a ser filme, “cresce e aparece”, procurando uma forma qualquer que não abdique dessa muito sua “abertura ao mundo”. Radica aqui aquilo que, pedindo de empréstimo a palavra-chave na crítica entusiástica de Vasco Câmara, publicada no jornal *Público* aquando da estreia comercial do filme de Linklater nas nossas salas, faz parte da *delicadeza* do gesto de Linklater: o mais ambicioso projeto na sua filmografia recheada de desafios – nem todos bem sucedidos, mas quase todos propondo alguma forma de ensaio ou exercício baseado numa certa plasticidade temporal, dos clássicos contemporâneos **Slacker** (1990) e **Dazed and Confused** (1993) à “trilogia Before” – é também um dos seus mais discretos, serenos e, pois, “delicados”, porquanto, enfim, “desmonumentalizados”. O espetáculo aqui reside no modo quase “uneventful” como Linklater costura ou esculpe o seu filme, encadeando entre si “fases” (para citar uma palavra usada pelas

personagens durante o almoço em que se celebra a “graduação” de Mason) da vida do protagonista em que sobressaem elementos mais fixos, a saber: a irmã (interpretada pela filha do próprio Linklater, Lorelei Linklater), a mãe (Patricia Arquette) e o pai (Ethan Hawke). O efeito do crescimento dos miúdos é notório e não precisa de grandes sublinhados (mesmo que Linklater force um pouco as marcas da época na roupa, no corte de cabelo e nas referências *pop* que consome ou, voltando à inversão que se impõe aqui, “o consomem”). Tudo é feito com uma espécie de timidez que comove, pese embora o espectador possa sentir que nada de muito especial tem lugar ao longo desta viagem. É, claro, natural que esta tenha, como qualquer outra travessia, os seus “ups and downs” quanto ao grau de inspiração dramática e à qualidade (da) retórica do seu tempo posto em cena e em ato *na hora*, por sinal, uma época que nos aparece já hoje bastante ultrapassada, quase ao género “éramos felizes e não o sabíamos” – *hélas*, envelhecemos agora nós (e não mais as personagens nele) com este filme que podemos dizer ser também um dos produtos mais acabados de um período algo esperançoso, mas talvez algo pueril e ingénuo também, que podemos associar à América da administração Obama & Biden.

Essa ideia de anacronismo é parte da grande ultrapassagem que todos sentiremos em relação ao tempo que corre à nossa frente. Muitas vezes, não fazemos mais do que tentar acompanhar-lhe o passo. A figura da deambulação, pelo menos desde **Slacker**, é essencial na obra de Linklater, porque o tempo transcorre ao sabor do movimento dos corpos – e da câmara que os acompanha nas suas perambulações. É um filme e todo um projeto de cinema embalados pela possibilidade de o tempo, na sua potência plástica máxima, se tornar uma experiência passível de ser partilhada, comutável nos termos próprios da linguagem cinematográfica. Esta *mise en scène* como *mise en temps* requereu um depuramento grande – alguns dos títulos anteriores de Linklater foram “a sua escola” – para se chegar à aparente simplicidade de um filme como **Boyhood**, que corre, sem complicações de maior ou muito especiais, ao sabor do envelhecimento subtil dos adultos e da transformação física e intelectual, quase grosseira e “chocante”, dos mais novos.

A mudança está do lado deles, dos miúdos. Nesse almoço entre amigos e familiares, em que se celebra a formatura de Mason, o pai, antes um “bad boy” que vivia a vida aos repêlões, a bordo do seu carro desportivo, e agora um “homem de Deus” a conduzir um monovolume, faz um brinde ao filho de uma forma particularmente reveladora: “A toast to the future”. É rumo a um futuro qualquer que cada sequência corre. É isso que o filme no seu transcurso corporiza: uma certa saudade pelo amanhã. E, contudo, todo ele é feito de “aquis e agoras” muito nítidos, singelos e pouco memoráveis. Para transmitir esta sensação de que os dias passam e até que “o tempo não nos dá tempo”, para citar Susan Sontag à boleia de Walter Benjamin, foi preciso, muitas vezes, abdicar do drama e da própria “simpatia” simples das personagens e dos seus atores. É curioso, neste aspeto, voltando ao “boy” que está no centro do filme, como Mason ou Ellar Coltrane se vai tornando, simplisticamente, uma típica personagem *à la* Linklater, adquirindo vários tiques do realizador, alguns deles – não sei se conscientemente e, com certeza, dependendo da sensibilidade de cada espectador – podendo suscitar alguma irritação. (Se fôssemos mauzinhos, e seguindo a máxima godardiana de que todos os filmes são documentários sobre os seus atores, diríamos que **Boyhood** tanto é um filme sobre o nascimento de um adolescente igual a muitos outros como é também sobre o nascimento de um mau-ator-forçado-a-sê-lo-pelas-circunstâncias.)

De qualquer modo, este é um filme tão perto dessa rítmica da vida, e embalado por ela, que podemos dizer que a utopia realista de André Bazin e de Cesare Zavattini, o argumentista de Vittorio De Sica, conhece aqui uma nova etapa evolutiva e devém em programa estético e filosófico formador de uma poética cinematográfica (um certo “modo de fazer” e, já lá vamos, de interpretar o mundo) perfeitamente assimilada e assumida pelo seu realizador, que prepara neste momento um filme a ser completado num espaço temporal de 20 anos, adaptando um musical de

Stephen Sondheim. “O ritmo”, dizia Teixeira de Pascoaes, “é a substância de todas as coisas”. E daí a atenção especial conferida por Linklater ao papel da música no encadeamento das “fases” ou “andamentos” – para voltar à metáfora tonal – da vida de Mason, neste **Boyhood**, que também é uma espécie de musical, um filme-*jukebox* sem grandes *hits*, repleto de melodias algo esquecidas ou secretas de álbuns de bandas marcantes quanto baste, mas, ao mesmo tempo, não excessivamente populares à época. O melhor do cinema de Linklater, por relação às notas dominantes da indústria, é também um pouco assim: melodioso, *ma non troppo*; épico e rumorejante; exaltante e melancólico. De facto, parece que, deste modo, descrevemos um filme como quem descreveria um álbum *indie rock* ou *indie pop* de bandas tais como Arcade Fire ou Wilco, ambas presentes na trilha sonora deste título.

Numa recentíssima entrevista concedida ao *The Guardian* («Richard Linklater: ‘I’ve always had that French new wave notion – that a film should be an extension of your life’», 24 de novembro de 2024), Linklater falou de **Hit Man** (2023) e do seu filme ainda por estrear **Nouvelle Vague**, o primeiro integralmente rodado em língua francesa e acerca da rodagem de *À bout de souffle* (1960), de Jean-Luc Godard, mas também levantou o véu relativamente a esse seu tal projeto de 20 anos intitulado **Merrily We Roll Along**. Vale a pena “concluir sem concluir” esta folha de sala transcrevendo o que Linklater diz acerca deste filme-a-ser que, ao contrário de **Boyhood**, pode acabar comprometido pelo envelhecimento ou ciclo de vida do próprio realizador: “É desnecessário dizer: **Boyhood** foi um pouco como flutuar na brisa das minhas próprias ideias sobre a vida e tudo o resto. Mas, com este filme, temos uma banda sonora tão forte e um parceiro incrível no [falecido] Stephen Sondheim. Por isso, unimo-nos à volta dele. / (...) [T]enho uma fotografia na minha parede de John Huston a fazer **The Dead** [1987]. Ele está sentado numa cadeira com uma máscara de oxigénio a fazer o seu último filme, e eu penso: ‘Isto parece ótimo!’ Eu nem sequer fumo, por isso talvez nem precise da máscara de oxigénio. Estar nos meus 80 anos, ou vamos mais longe, nos 90... mas quem é que sabe? Tenho muitos outros interesses, mas tem sido uma forma divertida de interpretar o mundo.”

Luís Mendonça